

veja
27/5/98
959
115



Índio

Massacre tribal

Suicídio de índios pode ser disfarce para matança ordenada por cacique

O chefe Ramão, preso na semana passada

já analisaram três das mortes suspeitas e concluíram que foram, de fato, homicídios.

Segundo a investigação, os falsos suicidas costumam ser guaranis do sexo masculino, com idade entre 16 e 21 anos. É nessa fase da vida que, pela tradição da tribo, ganhariam o direito a um pedaço de terra. Os suicídios não passariam, então, de assassinatos em brigas pela terra. Os matadores pertenceriam ao Conselho Indígena, instituição criada pelos próprios índios, que faz o papel de polícia dentro da reserva. Quando o caiová Agui-mar Peixoto, morto no ano passado, foi visto

EGBERTO NOGUEIRA

A aldeia indígena de Dourados, em Mato Grosso do Sul, tornou-se famosa graças a uma macabra estatística. Entre seus 7 000 habitantes da etnia guarani-caiová, 250 cometeram suicídio nos últimos dez anos. O fenômeno atraiu a atenção internacional e deu origem a uma teoria. Os índios decidiam tirar a própria vida porque perdiam a identidade após o contato com os brancos. Como deixavam de ser guerreiros para se transformar em meros favelados, preferiam a morte. Foram publicadas reportagens em revistas estrangeiras, houve manifestações em Londres contra o descaso do governo brasileiro e até o grupo de rock Sepultura compôs uma música de protesto. Até que a antropóloga Roseli Arruda, da Universidade Federal de Pernambuco, decidiu estudar o assunto para uma tese de mestrado. Investigando os casos mais recentes, ela descobriu que, de fato, boa parte das mortes pode ser atribuída a suicídio. Mas pelo menos 28 delas não passavam de assassinatos disfarçados. E cometidos pelos próprios índios.

Roseli constatou que muitas cenas de suicídio eram de montagens gros-

seiras. Algumas vítimas apareciam enforcadas em bananeiras de meio metro de altura, outras em galhos incapazes de sustentar o peso de uma pessoa. Em muitos casos, a autópsia não apontou um indício sequer de asfixia. Em compensação, os corpos estavam cobertos de hematomas. "Há 28 homicídios evidentes. Mas, como a documentação sobre as mortes antigas é precária, o número pode ser maior", diz Roseli. O trabalho da antropóloga transformou-se numa denúncia que foi encaminhada ao Ministério Público. Os procuradores

com vida pela última vez, era arrastado para fora da aldeia por integrantes do conselho e gritava por socorro. Apareceu dias depois, "enforcado" em um galho fino. "Foi assassinato", acusa seu irmão, Zenaide Peixoto. Na semana passada, a Justiça federal decretou a prisão preventiva do suposto mandante, o chefe da aldeia, Ramão Machado da Silva. O cacique, um índio terena que responde a processos por grilagem de terra e arrematação de trabalho escravo, é acusado de agir como ditador e não tolerar dissidências. Ramão foi preso na quinta-feira e seus correligionários, em represália, fizeram prisioneiros cinco índios caiovás, dizendo que só os libertariam quando o cacique fosse solto.

Os falsos suicídios são apenas o capítulo mais recente da tumultuada história da reserva de Dourados. Ali, numa área originalmente dos guaranis, vivem várias tribos diferentes. Na década de 40, o governo decidiu juntá-las na mesma reserva com os terenas, mais avançados, que foram introduzidos para ensinar agricultura aos outros grupos. Acabaram submetendo as etnias restantes a seu comando.



Maurício Lima, de Dourados